



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**LETHICIA TAYENNE PEREIRA DIAS**

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR E  
ECONOMIA SOLIDÁRIA**

**BRASÍLIA-DF**

**2015**

LETHICIA TAYENNE PEREIRA DIAS

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR E  
ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Trabalho Final de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, à  
Comissão Examinadora da  
Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, sob a  
orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia  
Marise Salles Carvalho.

BRASÍLIA-DF

2015

LETHICIA TAYENNE PEREIRA DIAS

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade de  
Brasília como *requisito parcial para  
obtenção do título* de Licenciado  
em Pedagogia.

---

**Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)**  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**(Examinadora)**  
**Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (Examinador)**  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**(Examinador)**  
**Prof. Dr. Lúcio França Teles (Examinador)**  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho final primeiramente a Deus, por ter me dado força nessa trajetória da minha vida. A minha família, em especial aos meus pais e ao meu lindo filho, que me faz lutar por um futuro melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força nessa trajetória acadêmica.

Aos meus pais, que em todo o momento ficaram ao meu lado, me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida e acreditaram no meu potencial.

Ao meu lindo e querido filho Bruno Eduardo, presente de Deus.

Ao Heberty Belo, uma peça fundamental no meu quebra cabeça, uma luz que iluminou a minha vida.

Agradeço a pessoa que me fez seguir esse caminho, que me fez ver um mundo melhor, mesmo sabendo que o pra sempre, sempre acaba. Minha querida e eterna professora Kátia Fernandes Praxedes.

Aos excelentes professores de educação infantil que marcaram minha vida, professor Elimar e professora Aradine.

A melhor professora de filosofia do ensino médio. Mulher determinada, guerreira, que me fez ver a vida de um jeito melhor. Querida professora Jaine.

Aos meus irmãos, Luiz Eduardo e Laura Eduarda, que de alguma forma contribuíram e me ajudaram durante esse tempo.

Ao meu eterno amigo Raimundo José, Grande Raimundo. Homem batalhador, esforçado, alegre e determinado, mais que hoje não está entre nós. Agradeço pelo apoio, pelos conselhos, pelas risadas, pelos momentos agradáveis que passamos juntos. Dedico essa vitória a ele e sua linda família.

A todos os meus colegas de Universidade, em especial Mária de Fátima, Renatinho, Lucian e Kamila Rodrigues.

A alguns professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que me proporcionaram momentos valiosos de aprendizagem e amadurecimento.

À querida professora Sônia Marise Salles Carvalho, minha orientadora, agradeço pelos conselhos, pela preocupação e pela dedicação durante esses anos.

E por fim, agradeço todos que me apoiaram e acreditaram em mim.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

**Paulo Freire**

## RESUMO

DIAS, Lethicia Tayenne Pereira. Experiências Pedagógicas em Educação Popular. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015.

Esse trabalho busca refletir as possibilidades de aproximação entre os pressupostos da Economia Solidária e da Educação Popular. Resgata a trajetória da Economia Solidária e sua relação com a Educação e o aporte da educação popular com um dos princípios dessa proposta de educação. Abordamos o surgimento da Educação Popular e suas perspectivas no campo da Economia Solidária, por meio de uma pesquisa-ação. Relatamos a experiência pedagógica vivenciada, na Associação Atlética de Santa Maria (AASM), situada na cidade de Santa Maria, DF. Percebemos que, a Economia Solidária no campo da educação está qualificada pelos princípios da Educação Popular, no entanto a prática desses princípios encontra muitos desafios entre os sujeitos dessa aprendizagem.

Palavras chaves: Economia Solidária, Educação Popular, Pedagogia.

## **ABSTRACT**

This work aims to reflect the possibilities of approximation between the assumptions of the Solidarity Economy and Popular Education. It recovers the history of the Solidarity Economy and its relationship to education and the contribution of popular education with one of the principles of education proposal. We address the emergence of Popular Education and its prospects in the field of Solidarity Economy, through an action research. We report the experienced teaching experience in Athletic Association of Santa Maria (AASM), located in Santa Maria, Brazil. We realized that the Solidarity Economy in the field of education is qualified by the principles of popular education, however the practice of these principles are many challenges among the subjects of this learning.

**Keywords:** Solidarity Economy, Popular Education, Education



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AASM:** Associação Atlética de Santa Maria

**CESPE:** Centro de Seleção e de Programação de Eventos

**DF:** Distrito Federal

**DVO:** Departamento de Viação de Obras

**DST's:** Doenças Sexualmente Transmissíveis

**EJA:** Educação de Jovens e Adultos

**EP:** Educação Popular

**ES:** Economia Solidária

**FASSANTA:** Festa do Aniversário de Santa Maria

**ONG's:** Organizações Não Governamentais

**PAS:** Programa de Avaliação Seriada

**POLO JK:** Polo de Desenvolvimento Juscelino Kubistchek

**RA:** Região Administrativa

**SEPD:** Projeto Individualizado de Práticas Docentes

**UnB:** Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO</b> .....	12
<b>PARTE II: MONOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM</b> <b>EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA A SOLIDÁRIA</b> .....	26
<b>1 PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA</b> <b>SOLIDÁRIA</b> .....	27
1.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL.....	27
1.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO .....	31
<b>2 PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO DA ECONOMIA</b> <b>SOLIDÁRIA</b> .....	35
2.1 EDUCAÇÃO POPULAR: SURGIMENTO E CONCEITO.....	35
<b>3 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO</b> <b>ATLÉTICA DE SANTA MARIA ( AASM)</b> .....	39
3.1 HISTÓRIA DE SANTA MARIA .....	39
3.2 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA.....	41
3.3 A UNIVERSIDADE NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA .	44
3.4 PROJETO BOLA NO PÉ E ESCOLA NA CABEÇA .....	48
3.5 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS .....	48
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>PARTE III: PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54
<b>ANEXOS</b> .....	56

## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a etapa final como parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho, com o enfoque voltado para a Educação popular e a Economia Solidária, o trabalho é constituído por três partes: a primeira parte do trabalho é constituída pelo Memorial Educativo, que resgata vivências e memórias da minha trajetória, desde os primeiros anos em creches até o ingresso na Universidade de Brasília.

O embasamento teórico sobre educação popular compõe a segunda parte do trabalho e em seguida é feita uma articulação com a Economia Solidária.

O trabalho é finalizado com a terceira parte, onde eu relato minha experiência na Associação Atlética de Santa Maria (AASM), onde fiz todos os meus projetos (3 fase 1, 2 e 3, 4 fase 1 e 2 e projeto 5) e para finalizar falo de minhas perspectivas pessoais e profissionais a partir da minha formação no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília.

**PARTE I**

**MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL EDUCATIVO

### O INÍCIO: CRECHE E JARDIM 1 E 2

Sempre escutei minha mãe dizer que eu dei muito trabalho nos anos iniciais de escola. Aos seis meses tive que começar a ficar na creche, pois meus pais trabalhavam o dia todo e eu não tinha com quem ficar. Foi um período muito difícil, não só para mim, mais para meus pais também. Eu sempre acordava chorando e dava muito trabalho para ficar com as freiras da creche. Minha mãe fala que era doloroso ter que me deixar chorando, “aos berros”, mais que não tinha escolha, era preciso. Fiquei nessa creche dos seis meses aos dois anos de idade.

Nessa época morávamos no Plano Piloto, em um apartamento bem pequeno para seis pessoas. Minha mãe estava grávida do meu irmão e depois de ganhá-lo mudamos para uma casa em Sobradinho II. Nesse período de mudança eu fiquei em casa, minha mãe estava com bebê novinho e no momento não trabalhava. Eu adorava ficar em casa, mais não sabia que logo voltaria para a escola.

Com quatro anos de idade retornei a escola. Minha mãe conseguiu vaga em uma creche perto de casa, no Colégio Caic Júlia Kubistcheck. Todos os dias eram iguais, eu sempre gritava, chorava muito e não queria ficar. Lembro perfeitamente como foi ruim aquela época. Eu sempre fui tímida, não gostava de conversar e tinha muito dificuldade de fazer amizades, acho que devido a isso eu rejeitava tanto a escola. Foram dois anos nessa luta, nessa choradeira até chegar a primeira série.

### DE 1ª A 4ª SÉRIE

Foi na primeira série que eu comecei a me adaptar com o ambiente escolar. Eu adorava minha professora e me sentia bem em sala de aula. As aulas eram ótimas, rodinhas no inicio da aula, músicas e muita diversão. Eu me sentia segura e passava a entender que era preciso eu frequentar a escola.

Fiz a segunda série na mesma escola, com um excelente professor, era o único homem da escola, nosso querido professor Elimar. Tão carinhoso com os alunos, sempre sorridente, calmo e explicava tudo perfeitamente. Eu me admirava, pois ele era um professor e fazia seu trabalho tão bem, com tanto prazer. Meu

coração ficou partido quando acabou o ano e eu teria que deixar o professor Elimar e a escola. Agora era hora de seguir para uma nova escola, conhecer outros amigos e professores novos.

Alguns amigos não foram para a mesma escola, outros mudaram de turno e eu fiz a minha terceira série na Escola Classe 14 de Sobradinho. Iniciamos o ano com uma professora nova, chamada Jussara. Ela era bem tranquila e boazinha. O tempo ia passando e as responsabilidades aumentando, trabalhos, provas e eu me sentia uma criança com muitos deveres.

Finalmente cheguei a minha quarta série, a melhor série da minha vida. Conheci a famosa professora Kátia Praxedes, um amor de pessoa. Ela parecia ser bem diferente das outras professoras, enxergávamos em seus olhos o prazer que tinha em ser professora, em ensinar. Foi exatamente nessa série em que decidi o que seria quando eu crescesse. Decidi que queria ser igual a professora Kátia, uma excelente professora, amável, dedicada e feliz com o que fazia. Lembro-me que um dia cheguei em casa e falei para minha mãe que queria ser professora, mais a minha decisão não agradou muito a minha família. Começaram a me fazer acreditar que esse não seria o melhor caminho a seguir. Escutei tanta coisa sobre ser professora: “Professores ficam doidos, adoecem”, “Professor ganha pouco e se estressa muito”, “Ser professor não dar futuro para ninguém, você vai trocar fralda de menino”. Enfim, todos esses tipos de comentários preconceituosos e que mesmo assim não me fizeram mudar de idéia. Continuei com a minha profissão decidida e não abria mão de mudar por nada. A quarta série foi maravilhosa, como um conto de fadas, eu tinha tantas amizades, me divertia muito, tínhamos recreação toda sexta-feira, era tudo perfeito. Tem uma música que ficou marcada em minha vida e que quando escuto lembro-me de todos os momentos em que vivi na quarta série:

Mudaram as estações, nada mudou  
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu,  
Tá tudo assim, tão diferente.

Se lembra quando a gente chegou um dia acreditar  
Que tudo era pra sempre, sem saber,  
Que o pra sempre, sempre acaba.

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou  
Quando penso em alguém, só penso em você  
E aí então, estamos bem

Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está  
Nem desistir nem tentar, agora, tanto faz  
Estamos indo de volta pra casa

Mudaram as estações, nada mudou  
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu,  
Tá tudo assim, tão diferente.

Se lembra quando a gente chegou um dia acreditar  
Que tudo era pra sempre, sem saber,  
Que o pra sempre, sempre acaba.

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou  
Quando penso em alguém, só penso em você.  
E aí então, estamos bem.

Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está  
Nem desistir nem tentar, agora, tanto faz.  
Estamos indo de volta pra casa<sup>1</sup>

O ano estava perto de acabar, eu me sentia ansiosa e com medo, pois a quinta série seria bem diferente, com várias matérias novas e diversos professores. Isso me assustava, me deixava muito preocupada, eu ficava com medo de não ser mais uma aluna excelente, assim como era nas séries anteriores.

O burburinho rolava solto na sala, cada um dizia uma novidade sobre a nova série, os comentários mais falados eram sobre a dificuldade que seria enfrentar todas aquelas matérias.

No final do ano tivemos nossa despedida, foi tanto chororô, até a professora chorou, mais sabíamos que tínhamos que seguir em frente. Tivemos formatura da quarta série e formatura do PROERD, eu cheguei ao teatro com os olhos inchados de tanto chorar, fiquei muito emocionada, até hoje quando vejo as fotos sem querer escapa alguma lágrima. Todos aqueles momentos ficaram guardados para sempre em minha memória.

---

<sup>1</sup> Letra de Música - Por Enquanto - Renato Russo 1984

## 5ª A 8ª SÉRIE: MOMENTO DE MUDANÇAS

A tão falada quinta série chegou, nessa época estudávamos no COER de Sobradinho II. Muitos colegas foram para o mesmo colégio e assim não nos sentíamos tão só. Realmente a quinta série era diferente das outras, nunca tinha visto tanto professor, tanta matéria, agora sim as responsabilidades aumentavam. O ano foi bom, apesar de tanta atividade, apresentação de seminários, trabalhos em grupo e algumas outras coisas que eram novidades para nós. Tinha até um tal de boletim, uma chatice, todo semestre minha mãe já ia na escola atrás dele e se tivesse nota baixa ela não esperava chegar em casa para conversar não, na escola mesmo começava os gritos.

No ano seguinte continuei na mesma escola, com os mesmos professores e os mesmos colegas. O ano foi tranquilo e sem muita diversão, muita coisa para estudar e muitos trabalhos com datas marcadas para entregar. Mudei para um colégio chamado Centro Educacional de Sobradinho II, pertinho da minha casa e onde eu faria a sétima série. Todo ano eu ficava ansiosa para conhecer a escola, os colegas e os professores novos. Conheci muita gente nova nessa escola, foi um ano bem divertido e eu estava naquela fase chata de adolescente. Minha mãe brigava, falava e repetia sempre a mesma coisa, mais nessa fase nada adianta, escutamos e pronto. Tive alguns amores platônicos, conheci alguns garotos legais e achava que a vida era só assim, diversão em primeiro lugar. Na quarta série foi a mesma coisa, uma superprodução todos os dias para ir para escola, parecia mais desfile de moda do que escola. As minhas notas não eram das melhores e minha mãe ficava muito brava comigo e falou que no ano seguinte me mudaria de escola.

## 1º AO 3º ANO: ANOS DECISIVOS E COM UMA GRANDE SURPRESA

Foi dito e feito, assim que acabou o ano mudei de escola. Fui para uma escola em Sobradinho I, o famoso Ginásio, Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho. Eu estava muito triste, acabava de ser separada das minhas amigas



e na nova escola não conhecia ninguém. Minha mãe sempre enfatizava que seria melhor para mim e que amizades não me levariam a nada.

Os primeiros dias de aula foram um tédio, eu ficava sozinha e não estava gostando da nova escola. Depois de algumas semanas conheci umas meninas e fiz amizade, mais para minha falta de sorte elas não eram da minha sala. Um mês depois, na aula de português a professora pediu para formar duplas para um trabalho em sala, um rapaz que estava sentado do meu lado pediu pra fazer comigo, eu aceitei. Apresentamo-nos e fizemos o trabalho juntos. Desse dia em diante fazíamos todos os trabalhos juntos. Algum tempo depois ficamos juntos. Formamos o casal 20 da sala. Isso seria um problema, até mesmo porque meus pais não aceitavam de maneira alguma namoro. Mesmo assim mantemos um namoro dentro da escola durante o ano todo. Nesse mesmo ano conheci o PAS, fiz minha inscrição e no final do ano fiz a prova. Eu ainda não tinha acordado pra vida, assim como diz o povo, eu não pensava no futuro, vivia apenas os momentos de flores daquela época.

Fui para o segundo ano, na mesma escola, continuava o namoro, que ficava cada vez mais sério. Em março eu completaria dezesseis anos e resolvemos sair para comemorar. Dois meses depois eu tive a notícia do resultado dessa comemoração. Passei dias em estado de choque e pensando em como falar com meus pais. O tempo ia passando e a barriga crescendo, realmente eu estava grávida. O momento mais tenso da minha vida. De um jeito ou de outro eles teriam que ficar sabendo e isso aconteceu. Tive muito medo, entrei em desespero, mais tudo foi resolvido. Meus pais ficaram profundamente magoados comigo, foi um momento bem delicado e em partes triste para toda família. Eu me sentia uma traidora, parecia que eu tinha destruído a família e tirado a alegria de todos. Essa história deu tanto falatório, as pessoas diziam que eu tinha estragado minha vida, que eu não ia mais estudar, que minha juventude tinha ido para o espaço, enfim, escutei de tudo e de todos. Meus pais apenas me deram duas escolhas: a primeira seria ir morar com o pai do meu filho, sem volta e a segunda seria ficar em casa e continuar meus estudos com a ajuda deles. Mesmo gostando muito do meu namorado eu sabia que o melhor seria continuar em minha casa, pois lá eu teria todo um apoio e conforto para mim e o bebê. Resolvi encarar a situação e seguir em frente. Fui para escola até o final das aulas, coma barriga enorme, pegava ônibus cheio todos os dias e às vezes ia em pé mesmo sendo preferencial. No final do ano

fiz a segunda etapa do PAS, eu já estava em casada, pois já estava nos dias de ganhar Bruno. Dia 26 de dezembro de 2008 ganhei Bruno, um presente de Deus. Tão lindo e amável. Fiquei em casa janeiro todo e em fevereiro voltei a estudar. Todos os dias eu tirava uma mamadeira com leite e deixava para Bruno se alimentar durante a tarde. Era cansativa essa rotina, mais era preciso continuar os estudos para ter um futuro melhor. Bruno cresceu praticamente criado por minha mãe porque eu não tinha tempo de ficar com ele. Venci mais um ano, sendo mãe de primeira viagem e estudante ao mesmo tempo, faltava a última etapa, a mais decisiva de todas, a aprovação do terceiro ano e a terceira etapa do PAS.

A rotina do terceiro ano foi bem puxada, precisávamos mais do que nunca estudar para o PAS no final do ano. Pra nos ajudar a ter chance de entrarem um dos cursos da UnB, a professora de filosofia resolveu separar algumas de suas aulas para dar orientação para e sobre o PAS. Foi exatamente nessas orientações que eu fiquei sabendo que tinha grande chance de passar. Pegamos as notas da primeira e segunda etapa e dividimos, calculamos mais ou menos quanto eu teria que tirar na última prova e fomos ver a nota do vestibular anterior. Fiquei esperançosa e nervosa ao mesmo tempo. Eu me sentia pressionada, como se fosse uma obrigação entrar na Universidade de Brasília.

Minha família por parte de mãe quase toda entrou na UnB. Temos uma história de luta e persistência, pessoas que saíram do interior do Goiás para tentar uma vida melhor em Brasília, vieram trabalhar como babás e empregadas domesticas e terminar os ensino fundamental e médio. Minha mãe e minhas tias, todas menores de idade, sozinhas, com a cara e a coragem em um lugar desconhecido. Uma das irmãs terminou o ensino médio e depois de um tempo estudou e ingressou na UnB para o curso de letras. Com esse exemplo as outras irmãs começaram batalhar e também conseguiram passar. Hoje em dia na família temos pessoas formadas e vários cursos e muitos ainda cursando. Letras, Arquivologia, Agronomia, Pedagogia, Ciências Contábeis, Relações Internacionais, Nutrição, Matemática e Ciência da Computação. Os que já terminaram estão concursados e com a vida estável e os outros ainda no caminho. Devido a toda essa história, meus pais sempre me cobraram passar na Universidade, colocavam isso como uma regra e eu não tinha escolha. O final do terceiro ano chegou e eu fiz a última prova do PAS. Fiquei ainda mais confiante depois da correção da prova,

acertei muitas questões e fui muito bem na redação. O resultado só iríamos saber no dia 25 de janeiro de 2010.

## O RESULTADO DECISIVO E O INGRESSO NA UNB

O grande dia chegou, meu coração batia a mil. Deixei o computador ligado sobre a mesa esperando o relógio com os ponteiros nas 17:00 horas. Parecia que a hora não passava e minha aflição só aumentava. Abri a página do Cespe e exatamente as 17 horas entrei, primeiro fui ver o resultado do pai do Bruno que também tinha feito o PAS, digitei o nome dele e não teve nenhum resultado, pra confirmar digitei novamente e nada.

Resolvi então digitar o meu e para minha surpresa apareceu, lá estava meu nome e o número da minha identidade. Nem acreditei, abri outra página e digitei meu nome e realmente apareceu. Eu fiz isso mais ou menos umas dez vezes, a desconfiança era tanta que para cair a ficha demorou. Comecei a gritar e dizer que tinha passado.

Minha mãe estava no banheiro e também começou a gritar e pular debaixo do chuveiro. A alegria foi tanta, avisamos meu pai que estava no trabalho e nesse dia até chegou mais cedo.

Liguei para os parentes que ficaram espantados com a minha aprovação, ninguém acreditava que eu conseguiria passar sem ter feito nenhum cursinho e cuidando de bebê. Esse foi um momento de dever cumprido, de leveza e missão realizada com sucesso, agora sim a pressão que meus pais faziam sobre mim tinha acabado. Depois do resultado foi só alegria, ganhei até uma festa, a família se reuniu na minha casa e juntos comemoramos.

Meu primeiro contato com a UnB foi no dia da matrícula, eu estava bem nervosa, mais minha mãe me tranquilizava. Assinamos todos os papéis e fomos fazer a carteirinha.

As aulas começariam na semana seguinte. O primeiro dia de aula foi um horror. A turma levou um trote e tinha gente querendo trancar o curso. No final do trote ficamos sabendo que tudo era apenas um teatro feito por veteranos da UnB.

No terceiro dia de aula os professores ficaram de greve. Acabávamos de entrar e já pegamos a primeira greve. Ficamos quase um mês sem aula e quando

voltamos foi uma correria, muito conteúdo, trabalhos e provas. No final do semestre tudo deu certo.

No segundo semestre nós tínhamos a liberdade de montar a própria grade, achei bem diferente, pois nas outras faculdades a grade já vem pronta. Eu segui as disciplinas propostas pelo fluxo e segui estudando a noite, já que meu curso era noturno. Foi nesse segundo semestre que conheci a professora Sônia Marise. Ela fez propaganda do seu projeto em Economia Solidária em Santa Maria e convidou a turma para conhecer. Até então eu não tive interesse, pois só pensava em educação infantil.

A partir do terceiro semestre a turma começou a se separar, alguns mudaram para o matutino, outros foram adiantar as disciplinas obrigatórias e alguns foram pegar disciplinas em outros departamentos.

No quarto semestre uma amiga me convidou para conhecer projeto da professora Sônia em Santa Maria. Resolvi fazer uma visita ao local, achei o projeto bem interessante, onde nós alunos poderíamos juntar a teoria com a prática, algo importante para nós futuros pedagogos.

O trabalho na ONG de Santa Maria foi inicialmente bem revolucionário, chegamos já mudando o espaço, quebrando paredes, colocando vidros nas janelas e reformando tudo que era preciso. A turma fez um trabalho solidário, pedimos ajuda da comunidade, dos comerciantes e de todos que pudessem ajudar. Colocamos a mão na massa e conseguimos deixar a ONG com um aspecto mais receptivo e acolhedor.

Esse foi o semestre que mais me empolguei com o curso de pedagogia, eu acabava de me encontrar, de saber que aquele projeto era realmente o que eu precisava. Eu nunca imaginaria um projeto como esse, minha visão sobre a pedagogia era muito fechada, ligada apenas para sala de aula e exatamente nesse semestre eu pude mudar de opinião e vivenciar outra área de atuação. Poder ajudar o próximo foi muito gratificante, ser solidário, poder dar, receber e retribuir.

No semestre seguinte continuei com o projeto, dessa vez mais firme e forte. Convidei algumas pessoas para participar, inclusive meu melhor amigo Raimundo José. Raimundo foi para conhecer o projeto e achou incrível, se matriculou no mesmo dia. Foi uma alegria e tanta, formamos um grupo e trabalhamos firme em nossas propostas. Foram ótimos e divertidos sábados que passamos juntos, muito

trabalho, dedicação e esperança em poder ajudar aquele lugar com pessoas tão humildes e batalhadoras. Tudo ia bem, quando de uma hora pra outra minha vida sofria uma trágica transformação, não só a minha, mais a de muitas pessoas.

Acabávamos de perder nosso eterno amigo Raimundo José. Raimundo voltava do serviço onde pegava os jornais toda manhã quando foi atingido por uma roda de um jipe que vinha no sentido contrário, infelizmente ele não resistiu, a roda do jipe era muito pesada, quase 50 kg e foi direto em sua cabeça. Um acidente que mudava nossas vidas para sempre. Eu entrei em estado de choque, Raimundo era meu melhor amigo, como se fosse um pai, me dava conselhos, acreditava em mim, me apoiava e às vezes até dava bronca.

A Faculdade de Educação parou, pois Raimundo era um aluno muito popular, participativo em todas as aulas, cheio de idéias, reivindicava seus direitos e era além de tudo muito brincalhão, encantava todos com sua força de vontade e com sua fé em um mundo melhor. Eu nunca havia perdido um familiar e Raimundo foi o primeiro ente querido que eu acabava de perder. Eu não conseguia me imaginar voltando as aulas sem ele sentado na cadeira do lado, voltar para o projeto em Santa Maria sem ele no grupo, enfim eu passei muito tempo em estado de choque, sem acreditar que aquilo tinha acontecido com todos nós.

Foi difícil pra eu entender porque as coisas são assim, porque o inesperado acontece, porque pessoas tão boas vão embora tão cedo. Até hoje não me conformo com isso e meu coração chora sempre que me lembro de tudo. Recomeçar sem ele foi muito difícil, foi um momento muito doloroso, mais eu tinha consciência de que precisava continuar. Continuei meu final de semestre e logo em seguida entramos de férias. Tive um tempo para me acalmar e voltar mais tranquila. Eu não via a hora de terminar o curso, comecei a ver pessoas se formando e aquilo era desesperador, eu me sentia pressionada a terminar logo também. Chega um momento do curso em que você fica cansado, pega muitas disciplinas pra tentar formar mais rápido e isso te deixam com um estresse profundo.

Acredito que seja importante ressaltar aqui no memorial acadêmica uma experiência negativa que tive durante esse semestre, eu tinha conseguido um estágio em uma escolinha particular.

Fiz a entrevista e a dona da escola me perguntou se eu teria disponibilidade para estagiar o dia todo, como eu nunca tinha tido experiência e fiquei empolgada com o novo estágio falei que sim.

Não sabia que era contra a lei trabalhar o dia todo, ilegalmente, sem carteira assinada, apenas com um contrato de estagio válido para um período. Minha rotina mudou totalmente a partir disso. Eu acordava às 05h25min da manhã para ir trabalhar e só retornava para casa depois das aulas na UnB, por volta das 00h15min, um dia bem cansativo, estressante, de muito trabalho escravo, horas em paradas de ônibus e quando conseguia chegar em casa ainda ia jantar e tomar um banho pra o dia seguinte. Nesse período comecei a dar credibilidade no que as pessoas sempre falavam pra mim: “quem faz pedagogia vira babá de menino”, “não tem futuro, pois trabalha muito e ganha pouco”, “estuda pra ser escrava de escolas particulares”, esses tipos de comentários.

Eu era praticamente uma escrava, subia e descia escadas o tempo todo, recortava infinitos papezinhos e bilhetinhos, tocava várias fraldas, dava banho em uma turminha do integral no final da tarde, dava a janta etc. Eu não tinha mais vida social, não tinha tempo para minha família e muito menos para meu filho. Final de semana ia cuidar dos meus afazeres domésticos e fazer os trabalhos da faculdade.

Um dia adoeci e precisei ficar de atestado dois dias, quando retornei, as donas da escola estavam com cara feia pra mim, a partir desse momento percebi que eu não tinha valor nenhum ali naquela escola e que eu era apenas uma estagiaria vendendo minha mão de obra barata. Tive vários momentos de estresses e resolvi que eu poderia ir em busca de uma coisa melhor para minha vida, resolvi sair da escola.

Hoje tenho alguns contatos de professoras que trabalharam lá comigo, muitas delas também saíram, e por incrível que pareça foi pelo mesmo motivo e as que permaneceram afirmam que precisam muito daquele emprego e estão conformadas com a situação de trabalho em que vivem. Às vezes penso que eu perdi tempo da minha vida com esse estágio ou que talvez isso serviu de exemplo para que eu pudesse enxergar outras coisas ou pensar em outros caminhos. Mesmo com essa decepção de primeiro estágio eu não desisti da pedagogia, continuei firme e forte no meu foco e logo em seguida consegui outro estagio, sem nem procurar.

Meu segundo estágio era pra ser monitora em uma academia de atividades físicas e culturais, eu seria responsável por uma sala com crianças de um projeto. O projeto se chamava “Projeto Sapeca”, crianças de 04 a 12 anos.

O objetivo do projeto era estimular a leitura, estimulação de atividades lúdicas, oficinas de criações conforme a idade e acompanhamento escolar. Eu passei na entrevista e logo comecei a estagiar nessa academia. Foi uma experiência incrível, eu adorava minha salinha, minhas crianças lindas e com eles pude aprender muito.

Ganhei uma oportunidade de assumir essa função de estagiaria regente e cumpri perfeitamente. Fui muito bem elogiada pela dona da academia e pelos pais dos alunos, isso foi muito gratificante, eu me sentia uma estagiaria lisonjeada. Fiquei um ano e pouco nessa academia, sai apenas porque precisava concluir algumas disciplinas obrigatórias ministradas no período da tarde. Antes mesmo de sair da academia recebi uma proposta da mãe de uma aluna minha. Ela me perguntou o motivo de estar saindo do projeto e falou que gostaria de conversar comigo. No mesmo dia conversamos e eu topei de fazer um acompanhamento pedagógico com sua filha de 9 anos e o pequeno com 3 anos de idade.

Esse acompanhamento pedagógico era referente as atividades da escola, aos trabalhos valendo pontos, revisão de matérias e provas. Com o pequeno que não tinha muitas tarefas da escola eu trabalhava com a estimulação da leitura, pintura com tintas, atividades lúdicas, jogos educativos e coordenação motora. Esse estágio foi bem produtivo e satisfatório para ambas as partes e nele permaneço até hoje. Tenho uma liberdade de escolher e montar a rotina do jeito que achar melhor, sempre fazendo as atividades conforme o nosso tempo.

Aprendi muito nesses anos, passei por várias situações consideradas difíceis para mim, como a de apresentação de trabalhos e seminários, eu sempre gaguejava na hora de falar, minha garganta dava um nó e eu ficava uma pilha, super nervosa.

Sempre tive esse problema em público, desde meus primeiros anos na escola até o ingresso na Universidade. Essa foi a principal dificuldade que tive durante o curso, não tenho facilidade em me expressar, em explicar um trabalho em público e isso me deixa com muito medo, pois terei que apresentar a monografia para banca e ser avaliada. Sei que minha profissão vai exigir isso de mim, mais por incrível que pareça eu não fico nervosa com as crianças.

No segundo semestre de 2014 tenho oito créditos da monografia pra finalizar, estou muito ansiosa pra completar os 214 créditos e me formar. Estou passando por um momento difícil em minha vida, estou com insônia devido aos problemas e estou muito nervosa ultimamente.

Consegui nesse último semestre pegar uma monitoria remunerada com o professor Lúcio Teles em Fundamentos da Arte na Educação, toda quarta feira, um ótimo professor com uma disciplina bem dinâmica e interessante. Ainda finalizando a monografia e muito desesperada, resolvi deixar para apresentar no começo do semestre. Mais algumas coisas aconteceram e o bloqueio veio à tona novamente, preciso finalizar e apresentar o mais rápido possível. Gostaria muito de ter formado antes e ter a presença dos meus familiares, inclusive do meu avô paterno que faleceu no começo de dezembro. Foi mais uma grande perda e Deus está consolando nossos corações.

Outro ponto marcante nesse final de 2014 foi a descoberta da minha gravidez. Notícia que mexeu bastante comigo, pois eu ainda não tinha concluído minha monografia, ainda não tinha um emprego fixo e não tinha me mudado para minha casa própria. Agora mais como nunca precisava definitivamente resolver tudo isso. Nem a notícia para família eu conseguia dar. Apenas imaginava que estaria perdida pela segunda vez, mais um filho, tão nova e sem ter concluído essa etapa importante da minha vida. Dessa vez, pelo que percebi foi mais tranquilo, quase não ouvi criticas e as pessoas falaram menos ou falaram pelas costas. Penso que tudo na vida tem um propósito e Bernardo veio por algum motivo, hoje estamos felizes e aguardando sua chegada.

Nesse memorial falei rapidamente da minha vida acadêmica, se for entrar em detalhe é bem capaz de não ter espaço para escrever tantos acontecimentos, destaquei os pontos principais e marcantes que aconteceram desde os meus primeiros anos em creches até meu ingresso na Universidade.

É incrível relembrar o passado, rever fotos da minha primeira formatura, quase 13 anos atrás, quarta série, como se fosse ontem, e hoje escrever sobre tudo que passou, toda minha vida acadêmica, sabendo que mais uma fase estar sendo concluída. Um ciclo terminando e outro se iniciando e assim a vida continua, pois o tempo não pára, não pára não.



Sem dúvidas, uma das experiências mais marcantes e satisfatórias durante o curso de pedagogia foi ter cursado meus projetos na área de educação popular e economia solidária, comecei com o projeto 3 fase 1 e em seguida fiz os outros. Eu não tinha noção de como era trabalhar em comunidade, em cooperação, não sabia como funcionava uma associação/ONG, e ao longo dessas fases dos projetos pude aprender e hoje está concluindo meu trabalho final de curso abordando essas temáticas.

**PARTE II**

**MONOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO  
POPULAR E ECONOMIA A SOLIDÁRIA**

## 1 PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Esse capítulo tem como objetivo apresentar a Economia Solidária e sua relação com o campo da educação. Está dividido em duas partes: a primeira contempla a economia solidária no Brasil e a segunda suas propostas para educação.

### 1.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Pode-se dizer que a economia solidária se origina na Primeira Revolução Industrial. Na passagem do século XVIII ao século XIX, surgem na Grã-Bretanha as primeiras Uniões de Ofícios (Trade Unions) e as primeiras cooperativas. Com a fundação da cooperativa de consumo dos Pioneiros Equitativos de Rochdale (1844).

O cooperativismo de consumo se consolida em grandes empreendimentos e se espalha pela Europa, mas desde uma visão intercultural, pode-se afirmar que práticas econômicas fundadas em princípios de solidariedade existiram em todos os continentes - e muito antes da Revolução Industrial. Práticas solidárias milenares no campo econômico foram reconhecidas e têm sido estudadas no cerne das diferentes culturas como elementos fundamentais da agregação e coexistência de comunidades humanas. Portanto, identificar a economia solidária apenas com as vertentes do movimento operário europeu seria um equívoco - pois sua história pode ser recontada, por exemplo, a partir das tradições da América pré-colombiana, ou dos povos africanos ou asiáticos, tanto quanto dos povos europeus primeiro e depois pelos demais continentes.

A Economia Solidária, segundo por Paul Singer é entendida como mais uma estratégia de luta do movimento popular e operário contra o desemprego e a exclusão social:

“A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a

economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente...” (SINGER, 2000 p. 138).

A Economia Solidária possui as seguintes características:

A Cooperação: existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares;

Autogestão: os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação;

Viabilidade Econômica: é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.

Solidariedade - O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de

caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

De acordo com SINGER: 2002a, p. 09:

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo da empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela de capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é o seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. Ninguém manda em ninguém. E não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual.

Nesta proposta de economia não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos. Politicamente, é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

Segundo SINGER: 2002<sup>a</sup>, p. 10: “A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”.

Culturalmente, é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio-ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação de da inteligência coletiva, livre e partilhada.

A economia solidária baseia-se nos valores: Ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Seus valores éticos são: Honestidade, transparência e responsabilidade social.

Em síntese, a Economia Solidária é um jeito bem diferente das pessoas se organizarem em torno do seu trabalho e dos benefícios que este pode produzir. É um movimento de organização de homens e mulheres que, a partir do trabalho coletivo, passam a desenvolver formas de geração de renda, onde todos e todas têm suas necessidades satisfeitas e o uso dos recursos naturais é feito de forma responsável e consciente.

Na Economia Solidária a relação entre os sujeitos é de cooperação, solidariedade e respeito. Todos são respeitados em suas diferenças de sexo, raça, etnia, idade, não cabendo reprodução de preconceitos de qualquer natureza.

Nos últimos anos a economia solidária vem se apresentando como inovadora alternativa de trabalho e renda. É um modo específico de organização de atividades econômicas, caracterizada pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre seus membros.

É importante ressaltar que a economia solidária possui uma finalidade multidimensional, pois envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural, ou seja, além da visão econômica geradora de trabalho e renda, suas experiências são voltadas no espaço público, com o objetivo de criar um ambiente socialmente justo e sustentável.

Segundo SINGER (2002, p. 103), a Economia Solidária propõe: ser um meio de geração de renda e trabalho, favorecendo a inclusão social e como uma alternativa ao sistema capitalista. Na Economia Solidária as pessoas poderão comprar vender, reproduzir sem explorar ou serem exploradas, sem levar vantagem sobre os outros, de forma mais justa e em cooperação com o próximo.

A perspectiva da Economia Solidária é criar a possibilidade dos trabalhadores/as enfrentarem a lógica de produção capitalista, da exploração e da exclusão mediante uma forma de organização na qual não há separação entre apropriação dos meios de produção e trabalho, dessa maneira, se os produtores conhecerem todo o processo, além de produzirem e gerenciarem o seu trabalho, também poderão usufruir dos resultados alcançados.

## 1.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO

A educação e formação na economia solidária se caracterizam como um campo de fundamental importância no contexto capitalista da sociedade brasileira, no geral é preciso conhecer todos os princípios da economia solidária para que se possa compreender a dimensão que trata essa outra economia. Os valores que envolvem a economia solidária vão além do simples ato solidário, é uma conscientização real de toda uma realidade social em que se está inserido.

Segundo Kruppa (2005) afirma que:

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a uma cooperativa ou empreendimento solidário para agir solidariamente. Esse tipo de ação é freqüente no campo político e no campo das lutas de classe, sobretudo do lado dos subalternos e desprivilegiados.

Assim, a prática do ato solidário necessita de alguns pré-requisitos básicos que podem ser adquiridos a partir de experiências construtivas que visam o desenvolvimento destas atribuições de modo que valorize o respeito, compromisso, amor, e a ética. Esta formação, valores estes que estão ligados ao bem comum e alicerces de uma nova sociedade. Em um meio em que prevalece a Economia Solidária constituem desde cedo situações definidas por comportamentos recíprocos de ajuda mútua. Aprenderão que as pessoas diferem, mas que essas diferenças provêm do meio e da educação.

Desta forma serão levados a perceber que a desigualdade social e econômica não é natural e nem é fruto da superioridade de quem tem mais e manda sobre quem não tem nada. Que a desigualdade é ruim e injusta e que ela só pode ser abolida pela prática da solidariedade entre os homens.

A solidariedade só é verdadeira se nascer da ação voluntária, ela não pode se dá de cima para baixo, apenas como resultado de políticas estatais. A economia solidária depende, primeiramente, da ação das pessoas aos princípios da solidariedade, igualdade, democracia e responsabilidade, desta forma processos

tanto de autogestão, educação e marco legal, e as finanças tem maior probabilidade sucesso dentro de qualquer campo social.

Pra que os princípios e valores da ES pudessem ser viabilizados foi importante buscar a referência educativa nas abordagens de Paulo Freire, que seguiu um ideal marxista de classe, e partindo do modo de produção capitalista nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante. De forma alguma abriu mão do pensamento da mudança radical na estrutura social, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político e educacional.

A idéia central do método, proposto por Freire inicialmente caminha do contexto concreto/vivido para o contexto teórico: basicamente parte do princípio de ação, reflexão-ação e exige a curiosidade epistemológica, a rigorosidade, a criatividade, a problematização e o diálogo. Assim, para construir o seu método, Paulo Freire propõe começar com as necessidades/do contexto real e vivenciado e não com categorias abstratas, para isso é necessário ler criticamente o mundo, o que sugere a curiosidade e a rigorosidade, além de ter como produto indispensável dos passos anteriores a capacidade de compartilhar o mundo lido, o que requer o diálogo na produção e reconstrução do saber.

Segundo Freire, a educação tem o papel de realizar a mediação entre o sujeito e o mundo, tem a ver com mobilização e organização popular para exercício do poder que a luta popular vai conquistando com o processo histórico no qual o ser humano produzindo o mundo, se reproduz. Ela implica, em conscientização e ação, entendidas como o esforço das classes populares em retomar seu destino histórico, a produção de suas vidas e a sua cultura em suas próprias mãos. Assim, não tendo que continuar sendo submisso e “alienado” à classe dominante. (FREIRE, 2001).

Viver a práxis e construir o conhecimento oferece em especial a necessidade da transformação social, realizar a ação política entre os sujeitos. Deste modo, a base substancial consiste na problematização da realidade, assim podemos articular as relações entre o educador, nas classes populares, utilizando sempre o conhecimento e a prática transformadora.

Para Freire não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas, mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados, educar para a cidadania é educar para acabar com a estrutura desumanizadora do capital baseada no lucro e no individualismo. A educação formal oferecida pelo estado não é baseada nos



moldes para uma educação planetária, cultural. A escola de hoje é resultado da modernidade, dos interesses das classes dominantes, onde o foco é a manutenção das estruturas conservadoras, e essa é a educação que não satisfaz.

Assim, pensando a educação popular no conceito da economia solidária, Freire (2003, p.52) define o principal fator que catalisa a necessidade de uma mudança radical nestas estruturas, para ele:

“Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a um sério empenho de reflexão, para que seja práxis”.

Para Freire, é nesta dialética entrelaçada no processo de se sentir e de se fazer sujeito, que o papel da educação popular se define importante e necessária, como elemento de mediação, por meio da ação cultural, da relação entre a consciência e o mundo.

“A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça.” (FREIRE, 1994, p.225).

Contudo, a universalização desta conscientização surge como maior desafio no contexto moderno atual, porque ela se baseia na falência e limitações do capitalismo, ainda que em determinados espaços se constitua como força social, o fato é que ainda está longe de ter um caráter global.

Apesar de vivermos em um mundo capitalista, a ES traz esperança de alternativas que possibilitam caminhos mais favoráveis mostrando que podemos viver de uma maneira melhor. Por meio da educação a Economia solidária busca promover uma melhora na qualidade de vida das pessoas, nos setores excluídos do mercado de trabalho, mais especificamente na vida daqueles que são explorados por sua força de trabalho. Através de seus valores ela conscientiza e incentiva as pessoas para que essas possam ter uma qualidade de vida digna, sem precisar vender sua mão de obra e ser explorado.

Nesse sentido é o dizer de Araújo (2012):

A Economia Solidária busca trazer por meio da educação uma melhora na qualidade de vida das pessoas, especialmente dos que são explorados por sua força de trabalho. Ela procura mostrar às pessoas que seus valores, que o valor do trabalho tem muito mais importância que o capital, ela traz diversas alternativas para conscientizar e incentivar as pessoas a conseguir sua subsistência ou qualidade de vida sem ser explorado e sem precisar vender sua força de trabalho. Apesar de viver em um mundo capitalista, ela luta para mostrar que se tem outro meio de viver e muito melhor, trazendo assim esperança e expectativa de vida para grande parcela da população. Assim, a educação inspirada nos princípios da Economia Solidária busca uma nova sociedade, um novo modo de produção da vida. (ARAÚJO, 2012, p.29)

Os princípios educativos da ES tendo como referência as abordagens de Paulo Freire dialogam com os pressupostos da educação popular e nesse sentido faremos uma reflexão sobre a EP no Brasil, partindo da idéia de que os sujeitos da aprendizagem estão sob uma mesma perspectiva nessa aproximação entre Educação Popular e Educação para solidariedade.

## 2 PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Esse capítulo mostra a Educação Popular no diálogo com autores que vivenciaram essa prática no Brasil e sua interface com a Economia Solidária.

### 2.1 EDUCAÇÃO POPULAR: SURGIMENTO E CONCEITO

Antes de falar em educação popular é preciso definir o termo “popular”. De acordo com o dicionário de português, “popular” significa: adj m+f (lat populare) 1º Pertencente ou relativo ao povo; próprio do povo. 2º. Comum, usual entre o povo. Ou seja, sendo algo para o povo, do povo, que atende às necessidades do povo.

Usando a concepção de Paulo Freire, entende-se “popular” como sinônimo de oprimido, sendo aquele que vive sem as condições elementares para o exercício de sua cidadania e que estão fora da posse e uso dos bens materiais produzidos socialmente.

De acordo com esse significado, considerando que qualquer educação voltada para o povo seria considerada educação popular, é válido destacar que:

No começo da história da educação no Brasil, Azevedo (1976), diz que, “ao educar os índios, os negros, os mestiços, a Companhia de Jesus implantou o que seria a semente da educação popular”.

A Educação Popular nasceu no Brasil desde a década de 20 com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova no qual os intelectuais brasileiros pregavam uma educação popular para todos. Somente na década de 60, devido ao processo de industrialização e urbanização é que o Brasil começou a se preocupar com os altos índices de analfabetismo de jovens e adultos das classes populares em função da necessidade de mão de obra qualificada para o trabalho. Surgiam as campanhas de alfabetização e educação de adultos que eram promovidas por entidades governamentais.

Os movimentos migratórios das pessoas em busca de melhores condições de vida eram constantes e este aspecto fez com que o Estado repensasse as políticas educacionais para as classes populares. O ano de 1945 foi marcado pelo início das primeiras iniciativas de educação popular. O nascimento desse movimento ocorreu devido o contexto social marcado pelo crescimento da industrialização e aumento da

urbanização, inseridos numa conjuntura política e econômica perturbada, onde o modelo agrário exportador e substituído pelo urbano industrial.

Para Brandão (2002): “a Educação popular surge nos países da América Latina, principalmente em períodos de industrialização, com a função de alfabetizar em massa, sendo uma emergência social notificada por meio das campanhas, dos movimentos e bandeiras de lutas existentes no período”.

Em 1950 foram articulados movimentos populares dos bairros, profissionais do magistério público e lideranças políticas com tendências não conservadoras para lutarem por uma educação pública, gratuita e de qualidade.

“A partir do final da década de 1950, surgiram vários trabalhos voltados para as camadas populares, tendo em comum o desejo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática”. (COSTA, 2000:11-12)

No período de 1960 é proposto pelo movimento de educação popular um trabalho de conscientização e politização desenvolvendo campanhas de alfabetização de Jovens e Adultos e expandindo as escolas primárias. Ainda nesse período surgem os movimentos de Cultura Popular, utilizando-se da arte, literatura, teatro e diversos outros instrumentos de mobilização.

É importante ressaltar que a educação popular desenvolvida nesse ano surgiu não apenas com a intenção de alfabetizar aqueles que tinham ficado fora da escola, e sim formar essa população com um conhecimento que fosse capaz de alterar a realidade repressiva e, através de uma análise social das condições de vida dos pobres e dos seus enormes problemas, como desemprego, desnutrição, falta de saúde, procurava conscientizar individualmente e coletivamente essa população oprimida.

De acordo com Paludo (2001):

a Educação Popular iniciou sua gestação no processo de modernidade brasileiro que foi realizado desde o início com uma violência grande aos camponeses e trabalhadores livres pobres. Em função das demandas do capital e qualificação para o trabalho essas pessoas foram obrigadas a vender sua força de trabalho sobre muita exploração. O domínio da escrita e leitura representava uma maneira de participação na sociedade. A escola, portanto, mesmo desigual, era uma esperança de liberdade e emancipação.

A Educação Popular é claramente compreendida hoje como um instrumento de contribuição imediata a uma efetiva participação popular em processos de transformação da sociedade classista e opressora. Ela se originou em boa parte da prática e das descobertas de grupos de cristãos comprometidos com intervenções sociais libertadoras, cada vez mais próximas de projetos realistas de participação nas transformações sociais. (BARREIRO 1980, p.28)

A Educação Popular nasce da vida mesma do povo, de seus valores e experiências, de suas expressões culturais e de sua capacidade de luta e resistência. É uma educação comprometida e participativa que visa todos os direitos do povo. Valoriza os saberes já existentes da população, tendo como principal característica a utilização do saber da comunidade como matéria prima para o ensino, onde a aprendizagem é a partir do conhecimento do sujeito e o ensino é a partir de palavras e conhecimentos do cotidiano deles.

A EP não é exclusivamente uma opção para os mais pobres e excluídos, ela exige a criação de uma proposta educativa que torne as pessoas dignas e de cidadania responsável, sendo capazes de construir coletivamente a própria história.

Nas palavras do educador Paulo Freire, cujas idéias se enraízam a Educação Popular, de práticas educativas orientadas para desenvolver a capacidade de ler a realidade, dizer a própria palavra e escrever a história da libertação pessoal e comunitária.

Em qualquer contexto a educação popular pode ser aplicada, as aplicações mais comuns acontecem em assentamentos rurais, em aldeias indígenas, associações não governamentais, instituições socioeducativas e educação de jovens e adultos.

A Educação popular tem como princípio a participação popular, a solidariedade rumo à construção de um projeto político de sociedade mais justo, mais humano e mais fraterno. Nesse sentido afirma (WERTHEIN, 1985, p. 22):

A Educação popular acompanha apoia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la.

Segundo Brandão (1986), os educadores pensam a educação em domínios restritos:

a universidade, o ensino fundamental, o ensino médio, a alfabetização, a educação de jovens e adultos. Muitas vezes a educação acaba por tomar domínios restritos, determinados socialmente, quando deveriam atender às necessidades do contexto, do cotidiano do aluno, enfim, da cultura do educando. Para pensar em Educação Popular, é necessário, portanto, repensar a educação.

A educação, quando se fala no panorama social, é a condição da permanente recriação da própria cultura sendo, por isso, a razão da dominação da cultura entre outros. Já no panorama individual, a educação é a condição de criação do indivíduo, é a relação de saber das trocas entre pessoas.

Ainda segundo Brandão, aprender é formar-se pessoa a partir do organismo, realizando a passagem da natureza à cultura. Para ele, houve primeiro um saber de todos que se tornou sábio e erudito e que, por oposição, estabelece como popular o saber do consenso onde se originou, tratando o erudito como a forma própria, centralizada e associada aos especialistas da educação enquanto vê o popular como o conhecimento difuso, interior da vida subalterna.

Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular. (BRANDÃO, 1986, p. 26)

Esses princípios da Educação Popular estão contidos na proposta de educação da Economia Solidária, que busca fazer uma analogia entre a economia com solidariedade.

### **3 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA (AASM)**

Neste capítulo busco resgatar as experiências pedagógicas vivenciadas na Associação Atlética de Santa Maria. Apresento a história de Santa Maria e da AASM, descrevo como foi a chegada dos alunos na associação, apresento o projeto “Bola no pé e escola na cabeça”, faço uma descrição das oficinas pedagógicas realizadas com os alunos do grupo do futebol, relacionando os conceitos de Economia Solidária e Educação Popular.

#### **3.1 HISTÓRIA DE SANTA MARIA**

De acordo com Administração Regional de Santa Maria RA XIII, Santa Maria é uma cidade satélite do Distrito Federal que compreende as áreas da Marinha e Saia Velha e se localiza a 26 km de Brasília. A cidade surgiu no dia 10 de fevereiro de 1993. Antes de ser considerada uma região administrativa, permaneceu durante algum tempo como área rural da região administrativa II – Gama Durante esse tempo a área estava sem os equipamentos básicos de saúde, educação, segurança, urbanização, saneamento e comércio, marcado por uma forte dependência externa.

A cidade é fruto do Programa de Assentamento de Famílias de Baixa Renda, realizado pelo governo do Distrito Federal. Assim como outras demais regiões administrativas do DF, Santa Maria nos primeiros anos, era dotada de pouca infraestrutura urbana, que aos poucos foi sendo consolidada. Hoje, a cidade tem quase 100% de asfalto. O Governo loteou uma área do Núcleo Rural Santa Maria e transferiu os moradores das invasões do Gama e das demais localidades do Distrito Federal. Santa Maria é composta de área urbana, militar e rural.

A cidade é rodeada por dois ribeirões, Alagado e Santa Maria, lugares em que predominam as atividades de agropecuária e a exploração de jazidas de cascalho. Além disto, foi deste último ribeirão que se originou o nome da cidade. Segundo censo realizado pelo IBGE, a cidade ocupa uma área de 211 km<sup>2</sup> e possui uma população de 123.956 habitantes, a maioria de classe econômica baixa.

Apresentaram ao governador do DF duas versões de Santa Maria. Uma versão incluía a Vila DVO na região de Santa Maria, sendo esta proposta defendida

SUCAR e IPDF. A outra versão incluía a Vila DVO na cidade do Gama, sendo esta uma posição política defendida pelo administrador do Gama, que na época era o César Lacerda. Esta última versão prevaleceu e se transformou na versão aprovada e confirmada no Decreto nº 14.604, de 10 de fevereiro de 1993, criando assim a Região Administrativa de Santa Maria (RAXIII).

Santa Maria recebeu como padroeira a santa mãe de Deus, tendo como data de culto público o dia 1º de janeiro, que foi considerado ponto facultativo na cidade, de acordo com a lei nº 2.908.

Destaca-se na região o Polo JK, que é uma área de desenvolvimento econômico do Distrito Federal feita para abrigar grandes indústrias. Nele se concentra grandes empresas que são importantes para a economia de Brasília. Acredita-se que dentro de pouco tempo a cidade se transformará em uma das principais regiões administrativas do DF, essencialmente por estar em uma região privilegiada e por estar cercada por vários municípios vizinhos ao Distrito Federal.

Não diferente das outras regiões administrativas do DF, localiza-se também na região a vegetação chamada cerrado. Com as terras rurais sendo ocupada, a cobertura vegetal vai sendo aos poucos substituída pelas culturas diversificadas que estão sendo plantadas na região.

O lugar possui uma das festas populares mais conhecidas do Distrito Federal que é a festa de aniversário de Santa Maria, popularmente chamada de FASSANTA que reúne um grande público a cada ano. Além desta, existe outra grande festa tradicional, a Fé Santa, realizada no estacionamento da paróquia São José.

A região administrativa tem como principais pontos turísticos a Cachoeira de Saia Velha que é uma área rica em vegetação e que possui várias quedas d'água e piscinas, a cachoeira de Tororó onde é comum a prática de esportes radicais, o Solarius que é um monumento doado pelo governo francês em 1967 ao governo brasileiro representando o esforço de todos os brasileiros no sentido de se construir a capital federal, o Solar da Águias D'Blades, lugar que oferece turismo rural e esportes radicais e o Agroturismo Buriti Alegre que também oferece turismo rural (nível de desemprego, violência, transporte e saúde).



### 3.2 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA

A história da AASM começa com a iniciativa Mala do Livro, criada por Dona Amparo, dona de casa e moradora de Santa Maria DF. Amparo encontrava-se desesperada com tanta violência em Santa Maria. Ficava em casa costurando e cuidando de seus filhos enquanto via outras crianças se perdendo no mundo do tráfico. Para ela aquilo era revoltante, crianças tão pequenas trabalhando no mundo das drogas, adolescentes que viravam usuários e se envolviam com os chamados chefes perigosos do tráfico. O índice de morte era bem alto, Santa Maria nessa época parecia uma cidade de matança, em quase toda esquina via-se alguém machucado ou até mesmo estirado no chão sem vida.

Amparo nos revelou que somente depois da morte trágica de dois jovens moradores da cidade foi que ela resolveu tomar uma atitude por conta própria. Cansada de tanta violência e morte, ela resolveu abrir um espaço na sala de sua casa e abrigar essas crianças e adolescentes no período contrário da escola, dessa maneira eles não teriam tempo de ficar nas ruas se envolvendo com coisas erradas.

Foi criada a Mala do Livro, onde cada criança escolhia um livro que ficava dentro da mala e começava a leitura para os demais. Como passar do tempo as crianças já não queriam mais apenas ler livros, queriam outras atividades e Amparo criou o teatro, onde eles escolhiam um livro, levavam para casa e ensaiavam lá uma pequena apresentação, no dia seguinte compartilhava com as outras crianças.

Durante esse tempo, Amparo desenvolveu várias atividades com essas crianças, inclusive, para atrair mais crianças ela dava brindes para quem levasse amigos e conhecidos para participar da Mala do Livro, e sem dúvidas a criançada adorava ganhar brindes e como passar do tempo a sala de sua casa já tinha se tornado um espaço pequeno para tantas crianças.

Uma casa simples, com uma pequena sala e tantas crianças, o que fazer? Amparo teve logo que tomar providência, pois a iniciativa da Mala do Livro obteve um resultado positivo e todas aquelas crianças precisavam de outras atividades, em um local que fosse adequado. Foi então que a brilhante idéia de criar um espaço destinado a essas crianças surgiu. Amparo conseguiu, devido sua força de vontade e determinação, um espaço onde foi criada a Associação Atlética de Santa Maria.

A Associação Atlética de Santa Maria (AASM) foi fundada em dezembro de 1998, apesar de já ter começado suas atividades em 1995. Está localizada na

entrequadra 417/517 lote “E” Salão de Múltiplas Funções na cidade de Santa Maria. Com o objetivo de retirar das ruas crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos de idade e evitar assim possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, a associação oferece várias atividades esportivas, culturais, de lazer e cursos profissionalizantes.

A Associação Atlética recebe e atende cerca de 650 crianças e adolescentes em várias modalidades de esporte, que são: futebol, karatê, capoeira, alguns estilos de dança e lazer. Na associação também são oferecidos cursos de alfabetização, inclusão digital, manicure, cabeleireiro, costura, bordados, reciclagem e multimistura para adultos, com a intenção de formar grupos de geração de renda. Dentre estes segmentos, destaca-se o projeto “Bola no Pé e Escola na Cabeça”, que atende cerca de 100 alunos.

Nos últimos anos tem conseguido evitar que crianças e adolescentes sejam influenciados pelas drogas. Segundo o professor de futebol, o objetivo da escolinha, além de ensinar as crianças essa prática esportiva é formar novos cidadãos, afastando-os desse caminho e incentivando-os a participar de torneios e campeonatos, que são realizados em média de seis anualmente.

O trabalho realizado pela Associação Atlética de Santa Maria (AASM) é essencial para a sociedade local, pois beneficiam crianças, adolescentes e principalmente a família, instituição que carece de organizações como esta para lhe dar suporte e investir na harmonia dos lares. Diante disto, a associação tem a preocupação de manter famílias unidas, distanciando-as da violência e se esforçando para resgatar a boa convivência em sociedade.

Para realizar o seu trabalho ao longo desses anos, a AASM conta com o apoio de parcerias de instituições governamentais e não governamentais, da Administração Regional de Santa Maria e com algumas Secretarias de Governo. A AASM é pessoa jurídica de direito privado, criada na forma de Associação, entidade sem fins econômicos e lucrativos, político-partidários ou religiosos, tendo uma grande importância para o desenvolvimento da comunidade, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos associados.

A AASM é considerada uma ONG. Embora a definição não seja muito clara, as ONGs são organizações não governamentais sem fins lucrativos, atuam no terceiro setor da sociedade civil. Tem como objetivo a resolução de algum problema

da sociedade. De acordo com a Cartilha Marco Legal (ABONG, 2006), a definição textual de ONG (aquilo que não é do governo) é tão ampla que inclui qualquer organização de natureza não-estatal, o que faz com que esta admita muitas interpretações.

Segundo Landim (1993) ONG é a sigla de Organização Não Governamental, e esta por sua vez é definida como:

1. Qualquer organização que não integra o Estado nem está diretamente ligada ao Governo, e cujas atividades, de natureza não empresarial, estão voltadas para a esfera pública, esp. a prestação de serviços considerados relevantes para o desenvolvimento social [sigla: ONG]. 2. Designação genérica das entidades jurídicas de caráter privado, sem fins lucrativos, e voltadas para questões tais como movimentos populares, ecologia, políticas de saúde, direitos humanos, população de rua, minorias, etc.; seu propósito básico é, ger., o exercício da cidadania e da autonomia dos grupos que compõem a sociedade.

Segundo Fernandes (apud SANTANA, 1992), foi na década de 50 que se originaram as primeiras organizações brasileiras que viriam a ser conhecidas como ONGs. Nesta época, suas ações possuíam um caráter desenvolvimentista, com ideais bem distintos dos que possuem este tipo de organização na atualidade. Estas buscavam a superação do atraso e promoção do desenvolvimento através da industrialização.

Landim (1993) acredita que a pré-história das “ONGs”, situa-se na segunda metade da década de 60. Nesta época, grupos fundamentalmente saídos das universidades organizavam-se na clandestinidade para combater o regime militar ditatorial instaurado no país. No início da década de 70, “a maior parte dessas movimentações seriam cortadas por força das circunstâncias políticas e seus agentes desapareceriam da cena nacional. Mas não todos. E alguns deles viriam a se encontrar mais tarde, em outros espaços de atuação comum” (LANDIM, 1993, p. 239).

Ainda de acordo com (Landim, 1998) essas pessoas que resistiram e permaneceram vieram a formar então o que seriam as primeiras organizações atualmente conhecidas como ONGs. Estas eram em sua grande maioria centros de

educação popular, ou centros de educação de base, ou ainda, mas não com a mesma importância, centros de promoção social.

### 3.3 A UNIVERSIDADE NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA

Em 2012 comecei a cursar o projeto 3 fase 1 obrigatório no curso de pedagogia. Matriculei-me no projeto de extensão em economia solidária e educação popular, sem saber que a extensão universitária é uma ação da universidade junto à comunidade, um fator fundamental na formação de um universitário, aproximando os alunos da comunidade, fazendo acontecer momentos de práticas e contato com a realidade concreta. A extensão é uma das funções sociais da Universidade, é realizada por meio de um conjunto de ações dirigidas à sociedade e vinculada ao ensino e à pesquisa.

É válido lembrar-se do que dizem os Planos Nacionais de Extensão Universitária, que definem extensão da seguinte maneira:

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. “No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.”

“A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”. ”

O projeto de extensão não era apenas aos alunos do curso de pedagogia, atendia também alunos de diversos cursos que tivessem interesse em trabalhar com a economia solidária e educação popular, proporcionando-lhes grande conhecimento profissional e pessoal, promovendo o contato da comunidade acadêmica com o público externo.

Coordenado pela professora Sônia Marise, o projeto atuou juntamente com a comunidade na Associação Atlética de Santa Maria, apesar de não ser sua idéia inicial. A proposta inicial do projeto era oferecer um curso de economia solidária em uma escola da cidade. Porém, após alguns encontros, percebeu-se que a comunidade não estava presente e que a escola estava fechada para a comunidade.

Nos encontros realizados na escola, uma pessoa sempre esteve presente e estava nítido o seu interesse pelo trabalho na comunidade. Essa pessoa era a Dona. Amparo, presidente da Associação Atlética de Santa Maria. Nos encontros ela nos falou sobre a idéia da criação da ONG que começou com um trabalho em Ceilândia com costureiras, mas acabou comovida com o problema dos jovens viciados e começou um trabalho em Santa Maria de prevenção as drogas. Seu objetivo era atender as necessidades das crianças e adolescentes, por meio de programas como a mala do livro, oficinas de hip hop, artesanato, corte e costura etc.

No final do encontro foi concluído que a escola está fechada para a comunidade, e como a Dona. Amparo demonstrou interesse e preocupação com a comunidade, estando presente em todas as reuniões, foi decidido que não trabalharíamos mais na escola, mas sim na associação AASM.

A Economia Solidária baseia-se no diálogo, na solidariedade, na autonomia e na autogestão. Para montar estruturas sociais baseadas nessa outra economia é preciso aprender com ela como funcionam os mecanismos específicos de cada espaço, desta foi o projeto de Santa Maria contou com bastante empenho de todos os envolvidos que vai desde a universidade e seus representantes como a comunidade, Partindo da proposta da educação popular Freiriana, começamos fazendo uma investigação temática, observando o contexto de modo geral para definir os objetivos, procurando saber onde estávamos, o que precisávamos, o que poderia ser feito e como poderíamos agir.

Partindo de nossos objetivos elaborados nas primeiras reuniões, estabelecemos novas perspectivas a respeito do projeto, agora na associação atlética, iniciamos de fato todo o trabalho, por meio ainda de uma série de discussões, e nossos reais objetivos foram se desenhando de acordo com as atividades e necessidades da associação. Desta forma fomos dividindo os estudantes em Grupos de Trabalho (GT), que iria se situar em atividades específicas, no intuito de aperfeiçoar o trabalho realizado dentro da associação e aplicando os princípios da economia solidaria dentro de cada setor, respeitando o espaço, a história, e todas as relações que já compõem do projeto.

De acordo com as orientações elaboradas dividimos os grupos de trabalho na área de arte/cultura, educação/formação e esporte para assim delimitar o campo de atuação, baseado na bibliografia estudada durante o semestre, as demandas da

associação e o conceito de economia solidária, o foco no momento era transpor todo o conhecimento adquirido para a realidade de Santa Maria.

A partir daí o projeto começou a ser desenvolvido na AASM. Foram desenvolvidos grupos de acordo com as demandas que existiam na comunidade, sendo que esses grupos permanecem até hoje. Os grupos tiveram a função de apresentar a economia solidária, pensar em estratégias de melhorias, em projetos de sustentabilidade e formas de gerar lucro baseado nos princípios da economia solidária. Os grupos formados foram: grupo de trabalho do futebol, grupo de trabalho do karatê, grupo de trabalho da costura, grupo de trabalho da pintura e grupo de trabalho de educação de jovens e adultos (EJA).

Durante as experiências vivenciadas na Associação Atlética de Santa Maria foi possível perceber a falta de alguns princípios da economia solidária. A comunidade no primeiro momento se mostrou participativa e solidária. A autogestão era presente no grupo, mesmo com a presença da presidente Dona Amparo todos os envolvidos, independentemente de suas funções participavam das decisões, ao contrário do sistema capitalista que não permite essa gestão coletiva.

Para Xavier, 2008, p.19:

O que define a autogestão são as relações sociais democráticas, coletivistas e igualitárias, que fazem da produção associada mais do que uma organização econômica, na medida em que se configura em um espaço privilegiado para a experimentação social e a realização de ações pedagógicas no campo político e cultural.

Partindo do pressuposto de que a gestão é uma das características mais marcantes da economia solidária, a associação destaca a gestão solidária. Os associados procuram uma melhor qualidade de vida, onde todos são beneficiados, diferentemente da gestão capitalista que está inteiramente ligada ao acúmulo do capital e com o lucro, tendo como beneficiados apenas os proprietários.

Segundo Paul Singer (2002, p. 10):

A economia solidária é um modo de produção “cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. Na empresa capitalista, os salários são desiguais: diretores ganham mais do que gerentes e estes, mais do que os técnicos e vendedores. Na empresa solidária, os sócios não recebem salário, mas sim retiradas que variam conforme a receita obtida.

Ao longo do trabalho percebemos que algumas pessoas da comunidade não estavam entendendo alguns princípios da economia solidária, ao invés de trabalharem de forma cooperativa estavam trabalhando de forma competitiva. O pensamento não era trabalhar e vender coletivamente e sim individualmente. O grupo das mulheres da costura apresentou essa situação, muitas, ainda com pensamento capitalista de se tornarem microempresárias e donas do próprio empreendimento, aprendiam a costurar e pensavam em montar uma loja de costura no quintal de casa, tendo como objetivo trabalharem sem a presença de patrão, fazer o próprio horário e administrar o dinheiro.

Dessa forma, acabavam competindo com as outras que também pensavam da mesma maneira.

Para Singer, 2005, p. 16:

A prática da economia solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam re-educadas (...). Essa re-educação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a economia solidária dê os resultados almejados. Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, apenas em linhas gerais e abstratas.

O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco. Trata-se de uma grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles se espera e o que devem esperar dos outros.

Diante dessas situações, percebemos a necessidade de reeducar coletivamente os membros participantes da associação, mostrando outra visão de economia solidária. Os indivíduos não devem adotar um comportamento competitivo, as mulheres do grupo de costura citadas acima deveriam fazer uma transição do pensamento capitalista, do modo competitivo para o modo cooperativo e desconstruir o pensamento individualista.

### 3.4 PROJETO BOLA NO PÉ E ESCOLA NA CABEÇA

Junto com a proposta da associação que em parte se dedica no trabalho preventivo com crianças e jovens de 05 a 17 anos, o grupo de futebol abriga tanto meninos como meninas, sendo que o tratamento é o mesmo seguindo suas especificidades de gênero, tendo como professor/orientador o Sr. José Aroldo Lopes que faz um trabalho voluntário com as crianças em situação em risco de Santa Maria, assim este projeto contempla o trabalho de educação física e modalidades de esporte com estes jovens, no intuito de uma orientação cidadã, dotada de valores éticos e culturais.

Em princípio a proposta do projeto era de um grupo de futebol para que por meio deste esporte pudesse trabalhar pautas que precisam ser reforçadas para que não escape do pensamento em construção da criança e do jovem, como por exemplo: o meio ambiente, a importância da escola, a família, a higiene, o trabalho coletivo e assim utilizar o futebol como ferramenta que justifique a proposta da educação popular, posteriormente o projeto foi mudando sua característica, pois com o grande número de crianças veio surgindo a demanda e a proposta de uma escolinha de futebol para que as crianças pudessem disputar campeonatos da cidade. Desta forma o projeto foi se desdobrando a fim de atender esta demanda, houve esta mudança na característica do projeto que não perdeu o foco do trabalho social, no entanto gerou demandas extras ao projeto que será retratada mais adiante.

### 3.5 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

Antes de elaborar as oficinas pedagógicas tivemos uma reunião com o professor Aroldo para saber melhor quais temas seriam mais importantes abordar nas oficinas e palestras. Procuramos realizar um diagnóstico para conhecer as demandas, o local e o próprio grupo.

No primeiro contato com as crianças/jovens conhecemos um pouco de suas vidas, nesse momento nos atentamos para fazer com que esses participantes se sentissem valorizados e com a autoestima elevada. Apresentamo-nos e pedimos que eles fizessem o mesmo. Ouvimos vários relatos, muitos diziam estar no projeto



da AASM por não ter onde ficar, pois os pais trabalhavam o dia todo, alguns falavam que o projeto era legal e lá eles passavam o tempo, outros disseram que tinham um sonho de ser jogador de futebol, ser famoso igual seus ídolos Ronaldinho Gaúcho e Neymar. Com todos esses relatos, constatamos que a maioria dos envolvidos do projeto se encontrava em situação de vulnerabilidade e buscavam na ONG um refugio.

Percebemos uma grande necessidade de trabalhar com o tema das drogas/bebidas alcoólicas, pois alguns afirmaram já ter visto ou conhecer pessoas que usam/vendem. Focamos nesse tema, fizemos palestras, apresentamos pessoas famosas, que no auge de suas carreiras perderam tudo por conta disso. Levamos exemplos inclusive de jogadores que conquistaram bastante fama e riqueza, mais que caíram nesse mundo e hoje não tem mais nada. Explicamos quais efeitos a droga fazia no corpo humano, quais problemas futuros elas iriam causar na pessoa que usa e pedimos a participação deles nessas palestras. Tivemos um resultado muito bom, conforme nossas expectativas.

Outro tema que abordamos foi a importância dos estudos. Não sendo muita novidade, perguntamos a profissão que queriam ser e a maioria respondeu de fato jogador de futebol. Fizemos uma palestra sobre a importância dos estudos, fizemos uma roda de conversa e fomos abordando o tema. Fizemos perguntas básicas como: por que é importante concluir os estudos? Uma pessoa consegue um emprego bom, que ganhe satisfatoriamente bem sem ter terminado os estudos? Em sua opinião quais os benefícios de poder terminar os estudos? Essas perguntas básicas foram feitas para iniciarmos o debate, alguns responderam que sem estudos não conseguiriam um emprego bom, um garoto citou o exemplo de seu pai que não teve estudos e hoje trabalha como pedreiro e ganha pouco e outros mostraram interesse em fazer faculdade e até citaram a Universidade de Brasília como pretensão. Para nossa surpresa, ficamos sabendo que para poder jogar e participar dos campeonatos de futebol, os alunos ou os responsáveis precisavam apresentar o boletim bimestral com as notas em dia. Era feito todo um acompanhamento com esses alunos, os que tinham notas baixas eram convocados para uma reunião e análise de boletim.

Como no projeto havia muitos adolescentes, decidimos fazer uma palestra voltada para educação sexual. No início eles se sentiram tímidos, pois falar nesse

assunto para alguns e um pouco constrangedor. Focamos na parte das DST's, falamos do risco de ter relação sexual sem camisinha, a importância de ter um diálogo com a família, em caso de dúvidas recorrerem a um posto de saúde, mais de maneira alguma ficarem na dúvida. O professor Aroldo sempre enfatiza essa questão antes de suas aulas, trabalha os temas que precisam ser abordados nessas fases.

Uma oficina que tivemos muito resultado e que eles adoraram foi a de confecção de pipas. Levamos todos os materiais e mostramos o quanto era fácil e barato confeccionar uma pipa. Nessa oficina aproveitamos para falar da solidariedade e da ajuda ao próximo. Observamos o andamento da oficina, percebemos que todos estavam animados em poder confeccionar a própria pipa e uns ajudaram ao outro durante o processo.

Decidimos proporcionar aos alunos do grupo de futebol um dia de lazer no zoológico de Brasília. Aproveitamos para tirar uma folguinha e aproveitar junto com eles o dia que foi maravilhoso e seguido por um almoço especial que só a Amparo fazia. Aproveitamos para fazer algumas dinâmicas/brincadeiras e sortear brindes. Tudo ocorreu como esperávamos.

Cada sábado que íamos para ONG programávamos uma palestra/atividade diferente. De acordo com a necessidade vista por nós e pelo professor. Tivemos um ótimo resultado em todas as palestras e atividades, tivemos participação e entusiasmo de todos os alunos. Foi gratificante poder estar fazendo parte do grupo do futebol, conhecer crianças/adolescentes que acreditam e buscam um futuro melhor. Saber que nós, de alguma forma podemos contribuir para um mundo melhor, assim como fez a Amparo, não que o mundo vá mudar de uma hora pra outra com as nossas atitudes, mais sabemos que ele ficará melhor, como diz o velho ditado de que a união faz a força.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de entrar no curso de pedagogia eu tinha uma visão muito restrita do curso, acreditando que se trabalhava apenas em escola, dentro de sala de aula. Eu não imaginava como seria um trabalho em uma associação e no projeto de economia solidária pude perceber o quanto a pedagogia é ampla.

Este trabalho teve uma importância imensa para toda a estrutura do projeto, pois aproximou a universidade da comunidade e fez com que o conhecimento científico sistematizado não fique distante da realidade e da dinâmica social, assim o projeto sustenta tanto os interesses da comunidade como da universidade que necessita de estudantes com uma formação política, ética e cultural, visando o compromisso do profissional de educação com a sociedade tendo como bandeira de luta a cidadania.

Percebemos que a educação dentro de uma associação não deve acontecer de forma autoritária e bancária, onde o educador apenas despeja o conteúdo pra seus alunos como se estes não soubessem nada. Esse processo deve acontecer de forma dialógica, partindo sempre dos conhecimentos já existentes neles. Assim, segundo FREIRE, 2000, P.78 “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Tanto quanto o projeto é interessante para os estudantes e é importante ainda para a comunidade inclusive as crianças e jovens que participam do projeto, nesta oportunidade eles interagem diretamente com as propostas como, por exemplo: visita ao zoológico, palestras, oficinas e outras atividades que envolvem valores sociais, culturais de orientação e saberes comuns, desta forma ajudando no princípio fundamental da associação que é não deixar que os jovens de santa Maria cheguem a usar drogas e na organização sistemática dos procedimentos e documentos da associação.

## **PARTE III**

### **PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS**

Concluir o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília foi uma das minhas maiores conquistas. Foi uma experiência muito importante e única em minha vida. Uma grande vitória.

Desde o ensino médio eu me senti pressionada pelos familiares a entrar na Universidade. Foi um momento bem complicado, pois eu acabava de ser mãe, tinha que terminar meus estudos e ainda tentar passar no PAS ou vestibular.

Meu ingresso na Universidade de Brasília me fez amadurecer mais, eu comecei a ver a vida com outros olhos e queria crescer cada vez mais.

Durante o curso sempre ouvi comentários preconceituosos sobre a pedagogia, já cheguei até a ouvir que eu estava estudando para trocar fraldas de crianças. Mesmo assim eu não dava ouvidos, sempre quis ser professora e seguir esse caminho na área da educação. Fico feliz por estar concluindo uma etapa da minha vida tão esperada e sonhada por mim e pelos meus pais.

Eu pretendo trabalhar na área da Educação, fazer o que realmente gosto e ser feliz. Quero muito passar em um concurso público e me estabilizar.

O curso de pedagogia me fez enxergar o mundo de maneira diferente, hoje me sinto mais madura, mais confiante e realizada.

Termino o curso de Pedagogia muito mais esperançosa e disposta a ajudar a mudar o cenário na educação brasileira, fazer parte daqueles que fazem a diferença na vida de muitas pessoas. Hoje posso dizer que tenho certeza da escolha que fiz há doze anos, consegui realizar um sonho de poder seguir essa maravilhosa profissão.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1982. O que é Educação Popular. São Paulo: Brasiliense.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1982. O que é Método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1984. Educação Popular. São Paulo: Brasiliense.

Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas. Brasília 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. O que fazer – Teoria e Prática em educação popular, 4ª Edição. Editora Vozes, 1993.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária – Disponível em: [www.fbes.org.br/](http://www.fbes.org.br/). Acesso em 29/03/2015.

GADOTTI, Moacir & Carlos Alberto Torres, 1994. Educação Popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez/Edusp

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. Economia Comunitária e Economia Popular. Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez (orgs.) 4º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KRUPPA, Sonia M. Portella, Economia solidária e educação de jovens e adultos/organização. Brasília: Inep, 2005. 104p.

LANDIM, Leilah. A invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão impossível. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1993.

PALUDO, Conceição. Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular. Porto Alegre: Tomo Editorial & Camp, 2001.

SINGER Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta do desemprego. São Paulo: Contexto, 2000b. p.267-286.

SINGER Paul. A Economia Solidária como ato Pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M.P. (Org). Economia Solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep, 2005.

XAVIER, Eudes, 2008. Economia solidária no Brasil: uma outra economia acontece. Brasília: Câmara dos Deputados.

I Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária: documento final. Brasília: TEM, Senaes, SPPE, DEQ, 2006. 47p.

Associação Atlética de Santa Maria – Blog. Acesso 28/03/2014:  
<http://associação.blogspot.com.br/>

Administração Regional de Santa Maria RA XIII. Disponível em:  
<http://www.santamaria.df.gov.br>

## ANEXOS:



Simbolo da AASM

Fonte: Lethicia Tayenne Pereira Dias

**ASSOCIAÇÃO ATLETICA  
SANTA MARIA**

**Atenção comunidade de Santa Maria,  
está aberta as inscrições para os cursos.**

**CURSO DE CABELEIREIRO E MANICURE**  
2º a 6º Cabeleireiro 8 a 11hs: Manicure de 14 a 17hs:  
**Venha Cortar Cabelos, Escovar, Fazer Unha.**  
**Por Apenas Uma Lata de Óleo**

**PINTURAS EM TECIDOS DE SEGUNDA A SÁBADO DIA TODO**  
**Em Breve Curso de COSTUREIRA**

**Escolinha Futebol de 6 a 13 Anos**  
Treinos 2º 4º 6º Manhã de 8 as 10hs Tarde 16 as 18hs  
JOGOS AOS SÁBADOS

**KARATÊ 5 a 13 anos 2º 4º 6º das 19 as 20hs**

**ADM. REGIONAL DE SANTA MARIA**  
**COMITÊ DOS CIDADANIA**  
**SESC MESA BRASIL**  
**SECRETARIA DE CULTURA, MALA DO LIVRO**  
**MORADIA E CIDADANIA**

**EQ 417/517 - LOTE E**  
**SANTA MARIA**

**INFORMAÇÕES**  
**3394-1235**

Panfleto sobre cursos ofertados pela AASM

Fonte: Lethicia Tayenne Pereira Dias





**Sala principal da AASM**

**Fonte:** Leticia Tayenne Pereira Dias



**Turma da Educação de Jovens e Adultos**

**Fonte:** Leticia Tayenne Pereira Dias



**Confecção de Mural para Entrada da AASM**



**Fonte:** Lethicia Tayenne Pereira Dias





**Mutirão para Revitalização da Associação**  
**Fonte:** Lethicia Tayenne Pereira Dias



**Turma mirim do futebol**  
**Fonte:** Lethicia Tayenne Pereira Dias



**Grupo de artesanato**



**Grupo de Artesanato**  
**Fonte:** Leticia Tayenne Pereira Dias